

O Brasil apoiou com armas a criação de Israel. Era um segredo, mas “passados 50 anos”, explica o historiador Nachman Falbel; “pode passar ao domínio público”.

Um novo livro de Falbel, *Manasche: Sua Vida e Seu Tempo*, revela o envio direto pelo próprio ministro da Guerra brasileiro de duas encomendas feitas ao Setor de Munição do Ministério da Segurança pelo representante de Segurança e da América Latina do Ministério de Defesa de Israel,

**Herói
brasileiro
em Israel
ou Arma
secreta
de Israel
no Brasil**

Arieh Manor, em 1950 – dois anos após a proclamação e guerra da independência israelense.

Outras remessas indiretas de armamento, misteriosas, ou de dinheiro coletado entre judeus brasileiros para compra de armas para Israel, atingido por um embargo militar dos Estados Unidos, enquanto atacado por vizinhos árabes, também são reveladas e documentadas por Falbel. E a história das relações entre o Brasil e Israel ganha um sobrenome impronunciável:

Manasche Krzepicki (1898-1985), um judeu-polonês que por 61 anos foi brasileiro.

Outro brasileiro, o mais conhecido nos últimos 50 anos da história de Israel, foi o embaixador Oswaldo Aranha, presidente da histórica sessão da Assembleia das Nações Unidas que aprovou a partilha da Palestina, em 29 de novembro de 1947, por 33 votos a favor, 13 contra e 10 abstenções, entre elas a do Brasil. (Vacilante por cerca de um ano, o Itamaraty só reco-

Moisés Rabinovici
é jornalista de *O Estado de S. Paulo*

Manasche: Sua Vida e Seu Tempo, de Nachman Falbel, São Paulo, Perspectiva, 1996.

Este texto foi publicado originalmente em *O Estado de S. Paulo* de 11/5/97.

nheceria Israel em 6 de fevereiro de 1949.) O brasileiro agora resgatado pelo historiador Falbel é nome de jardim em Jerusalém. Mas poucos israelenses sabem quem as flores homenageiam, Manasche.

Um livro do ex-prefeito vitalício de Jerusalém, Teddy Kollek, *For Jerusalem*, cita o judeu polaco-brasileiro. Como diretor do escritório de Nova York da organização clandestina de defesa Haganá, criada em 1920 na Palestina, ele teve muito contato com Manasche. Tornaram-se amigos. Falbel o entrevistou em Israel. Também ganhou acesso ao Arquivo da Haganá, em Tel-Aviv. E pesquisou os arquivos de sionistas brasileiros como Israel Dines e Jacob Schneider.

Manasche era avesso à publicidade. Convencido a depor para uma biografia pelo historiador Egon Wolff, arrependeu-se rapidamente, querendo a destruição das anotações. E foi atendido. Resguardava-se “a sete chaves”, lembra Falbel, que também o entrevistou apenas para constatar como “não permitia a outros invadir sua privacidade”. Morto, arquivo pessoal aberto pela esposa Hilda Krzepicki, surge um herói brasileiro da fundação de Israel. Que o digam as cartas que recebia de Levi Eshkol (primeiro-ministro de 1963-69); Golda Meir (primeiro-ministro de 1969-74); Shimon Peres (primeiro-ministro de 1984-86 e de 1995-96); da superespia israelense Ruth Klueger; do prefeito Teddy Kollek; do primeiro embaixador de Israel no Brasil, coronel David Shaltiel; e do militante sionista Leo Halpern.

Numa carta enviada ao primo Samuel Sonnenberg, que morava nos Estados Unidos, em 1924, Manasche conta que tinha vindo ao Brasil, com um amigo professor: “Não para ficar, mas acabo ficando”. Acrescenta Falbel: “A sua viagem ao Brasil se prende, além do espírito de aventura, à atmosfera anti-semita que reinava na Alemanha e se estendia a outros países europeus, incluindo a Polônia, associada às limitações econômicas provocadas pelo desemprego, pela grande inflação e à crise geral que tomou conta daquele país”.

Manasche estudou em Erfurt, na Ale-

manha, em 1916. Engajou-se no exército polonês do general Jozef Halle, em 1919, para lutar contra a invasão bolchevique. Falava russo. Das duas irmãs, Rifka e Chaia, jamais voltaria a ter notícias, provavelmente mortas na Segunda Guerra Mundial. O pai, Schloime, um polonês de Waloön, vivia da importação de produtos químicos ingleses usados em fábricas de tecido. Quando morreu, em 1921, deixou uma herança depositada no Reichsbank, corroída pela alta inflação alemã do pós-guerra.

“Meu pai, o melhor pai que alguém possa imaginar, era um pouco seco e lógico, extremamente religioso, não por amor ao Onipotente, mas por pura e fria razão” – escreveu Manasche. Da mãe, Raza Sonnenberg, pouco se sabe. Ao desembarcar no Rio, ele chegou a arrumar um emprego de servente na Companhia Construtora de Cimento Armado, sucessora de L. Liedlinger. Frequentava instituições culturais judaicas que atraíam imigrantes, como a biblioteca Scholem Aleichem e a Sociedade de Imprensa Judaica no Brasil, criada em dezembro de 1924 por Jacob Nachbin.

O rumo que Manasche tomaria no Brasil seria totalmente inesperado. De repente, em maio de 1926, ele resolveu embrenhar-se no sertão do sul da Bahia para trabalhar com madeiras. Seguindo o rastro deixado por cartas, Falbel vai descobri-lo prisioneiro de um patrão, “numa área onde os grandes fazendeiros dominavam extensões de terra na qual tinham o direito de vida e morte sobre as pessoas”. Reencontra-o fugindo numa canoa com um francês de 83 anos, Luiz Beuclair, mestre em estrelas e ex-oficial da marinha. Então, já tinha um apelido nacional, *Neco*. E já dizia, em 1928, que “dava para viver dos negócios”.

Em Alcobaça, na Bahia, Manasche conheceu Júlio Rodrigues, um exportador de café de Teófilo Otoni, Minas Gerais. Mudou de ramo, de cidade e de estado civil. Passou a vender café mineiro. A noiva, Brunhilda Marcks, era neta de um missionário protestante e irmã do novo sócio, Eurico *Marx*. Casaram-se em junho de 1928. Em setembro, a esposa, *Hilda*, teve

que ser internada por cinco meses num sanatório, com um pulmão afetado.

De volta ao Rio em 1938, contratado pela Ernesto G. Fontes & Cia., exportadora e importadora, Manasche recuperaria o prazer de ir a concertos, óperas e teatro. Já reclamava de “infintos jantares”. Era o fim da Segunda Guerra Mundial. O mundo começava a tomar consciência da execução de 6 milhões de judeus, o holocausto nazista.

O impacto em Manasche foi decisivo. Conta Falbel que ele “iria se mostrar predisposto a dar um novo sentido à sua vida e – por que não dizê-lo? – alterar sua visão de mundo em relação ao destino do povo judeu, para entregar-se de corpo e alma a uma missão em que demonstraria suas qualidades pessoais e notável talento”. Uma carta ao primo americano, Samuel, na véspera do ano novo judaico de 1946, revela o quanto mudara:

“Que o ano novo possa trazer um fim para a *galut* [diáspora] de nosso povo, em especial para aqueles que necessitam de um lar e abrigo, e que lamentam a perda de seus familiares. Enquanto o significado de ser judeu, em todos os tempos, era equivalente a ser forte, em nossos dias significa ser herói. Tenho uma fé inquebrantável de que teremos sucesso em nossas esperanças de viver e conseguir renascer a Nação Judaica, não somente com *tefiles* [orações] mas com braços fortes, e seremos senhores de nossos destinos”.

Num artigo escrito para a revista da comunidade judaica, *Aonde Vamos?*, em janeiro de 1947, Manasche revela-se totalmente convertido à causa sionista:

“Temos nós agora de tomar sobre os ombros a herança desses grandes heróis e nobres dos guetos, de Maidanek e Treblinka, de Bergen Belsen. Tornemo-nos judeus completos, de coração, no mais puro e elevado sentido da palavra, e assim o conduzamos avante; conosco, para nós e em nós... Temos de cerrar fileiras disciplinadas; somos nós agora o quadro efetivo, fé e von-

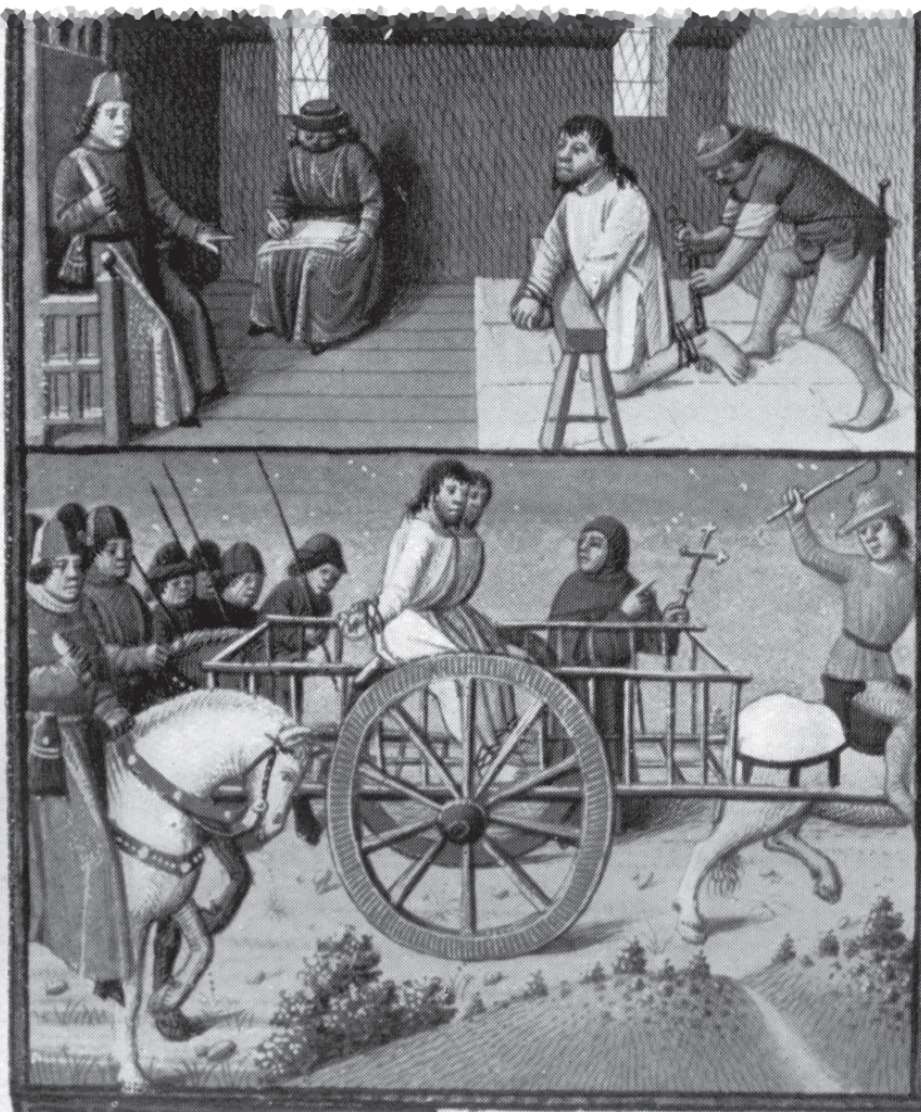
tade, perseverança fanática no coração até alcançar a meta de reconstrução de nossa terra! Nisso consiste a salvação de nosso povo”.

Rechesh era uma rede mundial formada para comprar armas para a Haganá (Defesa), o protótipo clandestino do exército de Israel. As Nações Unidas estavam por criar dois estados na Palestina sob mandato britânico – um para os judeus, outro para os árabes palestinos. A guerra se prenunciava inevitável. O secretário-geral da campanha de armamentos para a Haganá no Brasil já era Manasche, provavelmente aliciado por uma famosa agente judia-russa do Mossad, Ruth Klueger, que operava na imigração ilegal de judeus na Romênia, Turquia, Egito e França, e por um militante sionista da Argentina, Leo Halpern, que visitou várias vezes as comunidades judaicas no Rio de Janeiro e São Paulo. Ele também presidia o Clube Chaim Weizman, uma homenagem ao cientista que se tornou o primeiro presidente israelense.

Armas eram vendidas como sucata na Europa pós-guerra. O problema era colocá-las na Palestina. Havia também o embargo militar para o Oriente Médio decretado pelos Estados Unidos. Tão logo retiraram-se os ingleses, em 1948, os palestinos e os vizinhos árabes do proclamado estado de Israel uniram-se para impedir a partilha – e não para implementá-la. A Jordânia ocupou a margem ocidental do rio Jordão, a Cisjordânia. E o Egito, a banda de Gaza, de onde hoje o presidente da Autoridade Palestina, Yasser Arafat, comanda um estado em gestação menor do que o disponível há 50 anos.

A rede *Rechesh* driblava o embargo dos Estados Unidos destinando armas americanas para o México, Havaí e Filipinas. Comprava tanques em países da América do Sul. A Nicarágua do presidente Anastasio Somoza (1936-56) desviava armamento francês e suíço para Israel.

E no Brasil? Por uma carta agradecida do Ministério da Defesa de Israel a Manasche deduz-se que houve um intenso intercâmbio.



Ditz ut omnes.
 En ce chapitre
 valere de te bme
 des questions. po
 quon il est assa
 uois que question en ce chapitre
 est bne manere violente de
 querir deute quant autres pro
 fectious deffaut.

“Nos difíceis anos de nossa aspiração em criar o estado de Israel, o clube Chaim Weizman no Brasil foi o endereço certo e a representação apropriada em assuntos de segurança e questões de defesa, bem como contato com outras instituições sionistas, e temos certeza que no corrente ano vocês demonstrarão a mesma compreensão e fidelidade na área de interesse da segurança e do Zva Haganá Israel, como o fizeram nos anos passados.”

Numa carta para o secretário-geral do Ministério de Defesa israelense, Josef Israeli, em 15 de setembro de 1949, Manasche oferecia “explosivos, madeiras e outros produtos de interesse de Israel”. A chefe do Departamento Político da Agência Judaica, Golda Meir, pedia-lhe ambulâncias. Os dois se conheceram em Nova York. Era “uma mulher interessante, alegre, dá prazer de estar em sua companhia”, ele a descreveu para a esposa, Hilda, numa carta em que também enviou a foto de uma ambulância batizada de *Brasile* e embarcada nos Estados Unidos.

Em janeiro de 1950, Shimon Peres confirmou a Manasche ter recebido um relatório com informações pedidas sobre explosivos e produtos químicos. Noutra carta, cifrada, um aviso: “Espera receber logo maior informação a respeito de ‘máquinas de costura e agulhas’ e obviamente no caso dessa informação passar a ser positiva, eu mesmo, ou alguém de meu escritório irá ao Rio e discutirá o assunto no local”.

A pedido do primeiro primeiro-ministro de Israel, David Ben Gurion, os judeus brasileiros coletaram US\$ 1,5 milhão para o esforço de guerra. E Manasche ainda seria enviado para trabalhar na coleta de dinheiro em outros países da América do Sul, de onde se esperava arrecadar o total de US\$ 6 milhões. O lema era “tudo por Israel, nada para nós”. O balanço do primeiro ano do Clube Chaim Weizman trouxe uma envaidecida revelação:

“[...] Ainda como prova viva das nossas atividades singra os mares, desfraldando o pavilhão de Israel, o navio Mayflower, que

já conduziu para ali cerca de 1.000 pessoas e muitas toneladas de material de vital importância e cuja aquisição foi inteiramente custeada por nós”.

De um telegrama para Manasche assinado por Levi Eshkol, que seria em 1963 primeiro-ministro de Israel: “200 kits distribuídos ontem por Ben Gurion entre os soldados feridos no Hospital Dajani – 140 foram distribuídos em outros hospitais – soldados receberam os kits com satisfação e agradecimento – profundamente gratos por vosso magnífico trabalho”. Falbel comenta, em seu livro:

“O interessante é que Manasche Krzepicki veio para o sionismo, tardiamente sob o aspecto pessoal, como em direção a uma ideologia de redenção nacional que visava a restauração de um estado judeu em sua pátria histórica, sem qualquer posicionamento político-partidário e sem qualquer identificação com alguma corrente ideológica mais específica, de direita ou esquerda”.

O prestígio outorgado a Manasche o surpreendia. De Nova York ele escreveu para Hilda: “O Teddy [Kollek] quer forçar-me a seguir viagem para Israel, pondo desde a saída do avião à minha disposição todo o exército, inclusive avião, para em quatro dias no máximo ver Israel de lado a lado, e ver mesmo coisas que poucos de fora viam”.

Manasche, uma arma secreta israelense no Brasil, tinha um projeto para tempos de paz: queria construir uma usina de açúcar em Israel. Enquanto viveu, porém, a paz foi a exceção, não a regra. Vieram as guerras do Sinai (1956), dos Seis Dias (1967) e do Yom Kippur (1973). E sempre ele ali, presidindo um Comitê de Emergência do Brasil.

Falbel termina seu livro no Jardim Manasche de Jerusalém, “cujo verde e as múltiplas cores das flores morrem e renascem na imperturbável e eterna sucessão das estações do ano”.

Na página anterior, execução e tortura na Inquisição, em um manuscrito medieval